



**Jornal Notícias**

19-02-2019

**Periodicidade:** Diário

**Classe:** Informação Geral

**Âmbito:** Nacional

**Tiragem:** 60963

**Temática:** Justiça

**Dimensão:** 3516 cm<sup>2</sup>

**Imagem:** S/Cor

**Página (s):** 1/4 a 6

# Duas mulheres assassinadas por semana desde janeiro

Ana Silva, atingida com um tiro de caçadeira pelo ex-marido, é a última de uma lista de 11 mortes

Juízes obrigados a explicar sentença que absolve agressor de “mulher moderna” sem perfil de vítima **P. 4 a 6**

PRIMEIRO PLANO

# Onze mulheres assassinadas desde o início do ano

Ana Silva, atingida a tiro pelo ex-marido, foi a última a morrer. Quase duas vítimas do sexo feminino por cada semana de 2019

Roberto Bessa Moreira  
 roberto.moreira@jn.pt

**FEMINICÍDIOS** O ano de 2019 continua a sua caminhada trágica no que diz respeito à morte de mulheres, quase todas em contexto de violência doméstica. Janeiro, como o JN evidenciou numa reportagem publicada no último dia 10, tinha sido o segundo mês nos últimos 14 anos com mais vítimas mortais. E fevereiro já conta com três assassinatos. Feitas as contas, 10 mulheres e uma menina de 2 anos, filha do homicida, perderam a vida quase sempre às mãos de maridos, namorados ou antigos companheiros. São quase duas mortes em cada semana.

A última vítima foi Ana Silva, 53 anos, assassinada pelo ex-marido à saída de uma dance-teria na Golegã, na companhia de um amigo, também ele alvejado a tiro de caçadeira (ler caixa). Lúcia, Vera, Maria Eufrázia, Luísa, Fernanda, Marina, Helena e a pequena Lara foram outras que sucumbiram em apenas 48 dias.

**MANIFESTAÇÃO MARCADA**

A escalada de violência levou o MDM - Movimento Democrático de Mulheres a considerar, ontem, que "a lei falha em proteger as mulheres, os recursos afetos à prevenção, à proteção e ao apoio às vítimas são diminutos e a degradação das funções sociais do Estado são entraves reais à construção de planos de saída das situações de violência".

Num tom muito crítico, este movimento associativo garante que recusa "admitir que as mulheres continuem a morrer às mãos dos agressores e que as causas sejam naturalizadas e até toleradas". "Numa sociedade que banaliza a violência persistem entre os mais jovens mitos e estereótipos, desculpabilização de alguns atos abusivos, minimização da ação do agressor e culpabilização da vítima, acompanhado muitas vezes da legitimação do ciúme, do sentimento de posse e desvalorização de múltiplas formas de violência incluindo a sexual. Tal não augura nada de bom neste combate que é tão urgente", acrescenta o MDM, que marcou para o próximo dia 9, em Lisboa, a Manifestação Nacional de Mulheres.

**REUNIÃO DE EMERGÊNCIA**

O número de mulheres assassinadas este ano já levou o Governo a promover com caráter de urgência uma reunião que juntou ministros, a procuradora-geral da República, o coordenador da Equipa de Análise Retrospectiva de Homicídio em Violência Doméstica e a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.

No final desse encontro, foi anunciada a criação de gabinetes de apoio às vítimas de violência doméstica nos Departamentos de Investigação e Ação Penal e um reforço da articulação e cooperação entre forças de segurança, magistrados e organizações que trabalham na prevenção e combate.

Também os deputados do PS pediram, após o drama vivido em janeiro, a audição dos ministros da Justiça, da Presidência e Modernização Administrativa e da Administração Interna sobre o tema da violência doméstica. "A Assembleia da República deve acompanhar e participar nessa reflexão, avaliando a necessidade de novas medidas legislativas e escrutinando a ação e a adequação das novas medidas", justificaram. ●

**Portugal**



\* de 1 de janeiro a 18 de fevereiro  
 FONTE: UMAR, ELABORAÇÃO PRÓPRIA

ENTREVISTA



“Não estão seguras em Portugal”

Margarida Medina Martins Presidente da Associação de Mulheres Contra a Violência

O número de mulheres assassinadas este ano deixam-na surpreendida?

É um número preocupante, porque não devia acontecer nenhuma morte. Há muitos fatores que estão na origem de um problema central da nossa sociedade.

Qual a principal razão para tantas mortes?

Somos muito tolerantes à violência e há uma cultura que banaliza a violência contra as mulheres. As mulheres, mas também as jovens, não estão seguras em Portugal. A cultura de base da maioria das famílias ainda não mudou e há muitas raparigas que continuam a ser ensinadas a obedecer. Isto tem de acabar.

O que deve ser feito para mudar este paradigma?

Por um lado, o sistema judiciário tem de ser muito mais proativo na penalização dos agressores. Depois, os profissionais que atuam em nome do Estado, assistentes sociais, polícias e juizes têm de deixar de infantilizar as vítimas, promovendo modelos de intervenção diferentes. Por último, temos de ir à infância para que seja possível mudar a cultura do nosso país. O ensino dos direitos humanos na escola devia ser obrigatório. ●

GOLEGÃ



Cumprir ameaças e mata ex à saída de dance-teria

**CIÚMES** As ameaças já levavam tempo e agudizaram-se nos últimos meses, depois de Ana Maria da Silva, 53 anos, ter posto um ponto final na relação.

No domingo à noite, o agressor fez-lhe uma espera e quando ela saiu da Dance-teria São Martinho,

SEIXAL

4 DE FEVEREIRO



● Helena Cabrita  
 ● Idade: 56 anos



● Lara  
 ● Idade: 2 anos

**MATA SOGRA E FILHA** Pedro Henriques começou por matar a sogra antes de fugir com a filha, de 2 anos. No dia seguinte, a menina foi encontrada morta na mala do carro do pai. O homicida também seria encontrado morto no mesmo dia, em casa dos pais. Tinha cometido suicídio.

na Golegã, matou-a com dois tiros de caçadeira nas costas. O amigo que a acompanhava também foi atingido pelos chumbos. Ficou ferido. O autor dos disparos ainda fugiu, mas foi detido mais tarde. Vai ser hoje interrogado em tribunal.

“Ele já tinha dito que a matava no dia dos namorados, mas como ela não saiu nesse dia, foi ontem que o fez”, contou Eduardo Alves ao JN, ainda abalado com a notícia da morte da prima, que durante anos viveu e trabalhou na casa contígua ao café que explora, no centro da Chamusca.

Ana Silva estava divorciada, tinha três filhos maiores e manteve uma relação com o agressor, um homem de 62 anos, operário fabril e



residente em Torres Novas. Ainda viveram juntos cerca de um ano, na Chamusca, mas o convívio foi-se degradando e ele abandonou a

casa após “uma briga que acabou com a vinda dos bombeiros e da GNR”, adiantou o familiar. Segundo apurou o JN, ape-

sar da separação, o casal manteve o contacto, mas, no final do verão passado, o agressor voltou a tornar-se violento e Ana apresentou

queixa na GNR da Chamusca. Além de “ameaças verbais”, ter-lhe-á enviado também mensagens ameaçadoras para o telemóvel.

Ana foi tentando refazer a vida e, há cerca de três meses, decidiu ir viver para Torres Novas com dois dos três filhos, para estar mais perto do emprego numa fábrica de transformação de carnes. Neste período, terá iniciado uma nova relação e informado o ex-companheiro, que não aceitou. No domingo, alvejou-a pelas costas, no parque de estacionamento da danceteria. Depois refugiou-se em casa de uma irmã, em Parceiros de São João, Torres Novas, onde foi localizado e detido pela GNR e pela PJ. Não ofereceu resistência e entregou a arma do crime. ●



VÍTIMA

**Divorciada e com três filhos**

- Ana Maria Sobral Silva
- Idade: 53 anos
- Lugar: Torres Novas

**Natural da Chamusca, era divorciada e vivia em Torres Novas. Tinha três filhos, já adultos. Teve uma oficina de cerâmica mas, como o negócio correu mal, empregou-se numa fábrica de transformação de carnes.**

**MOIMENTA DA BEIRA**  
31 DE JANEIRO

3



- Marina Fernandes
- Idade: 25 anos

**BOMBEIRO MATA À FACADA**

Um bombeiro foi detido por matar à facada uma mulher de 25 anos. O homem manteria um relacionamento amoroso com a vítima e confessou o crime. Menino de cinco anos encontrou a mãe sem vida quando se preparava para ir para a escola e avisou a avó e a tia.

**SANTARÉM**  
27 DE JANEIRO

4



- Lúcia Oliveira
- Idade: 48 anos

**NEGÓCIOS OBSCUROS** Negócios de prostituição terão estado na origem do homicídio de uma mulher de 48 anos, de nacionalidade brasileira. A vítima foi agredida com violência, degolada e deixada a agonizar na habitação que usava para atender os clientes.

**OEIRAS**  
17 DE JANEIRO

5

- Fernanda
- Idade: 71 anos

**MATOU E SUICIDOU-SE** Um homem de 72 anos matou, com um tiro de caçadeira, a mulher, de 71 anos, e suicidou-se no apartamento onde residiam há 40 anos. O alerta foi dado pela filha do casal, que se deslocou à habitação dos pais após estes não terem atendido o telefone.

**ALANDROAL**  
11 DE JANEIRO

6

- Maria Eufázia
- Idade: 83 anos

**MATA MULHER E CUNHADA**

Um homem de 83 anos matou a mulher, com a mesma idade, e a irmã desta, de 80. Tentou suicidar-se, ainda foi encontrado com vida, mas acabou por morrer no hospital. Na origem do crime terá estado uma pequena zanga.

**ALMADA**  
11 DE JANEIRO

7

- Vera Silva
- Idade: 30 anos

**ESPANCADA ATÉ À MORTE** Vera Silva foi morta, na casa onde residia, no Pragal, Almada, vítima de espancamento. O corpo ficou quase irreconhecível, com severas marcas de agressões. Foi transportada ainda com vida para o Hospital Garcia de Orta, onde acabou por não resistir aos ferimentos.

**ANGRA DO HEROÍSMO**  
7 DE JANEIRO

8

- Desconhecido
- Idade: 46 anos

**MATA CUNHADA** Um homem de 52 anos matou a cunhada, de 46 anos, à pancada. O crime ocorreu na sequência de uma disputa por uma casa que pertencia à mãe do homicida.

**LAGOA**  
5 DE JANEIRO

9

- Lúcia Rodrigues
- Idade: 48 anos

**MORTA EM CASA** Um casal foi encontrado morto em casa, em Lagoa. Tudo indica que Nuno Guerreiro tenha assassinado a companheira e cometido suicídio com a mesma arma.

## Juízes têm de explicar absolvição polémica

Tribunal de Viseu considerou que “mulher moderna” não podia ser vítima de violência doméstica. Relação anulou



ANDREW HUNTER/GETTY IMAGES

Juízes não acreditaram que administrativa aguentou 10 anos de violência em casa

**Roberto Bessa Moreira**  
 roberto.moreira@jn.pt

**VISEU** O Tribunal de Viseu vai repetir a leitura de um acórdão em que o coletivo de juízes considerou que uma “mulher moderna, consciente dos seus direitos, autónoma, não submissa, empregada e com salário próprio, não dependente do marido” dificilmente seria vítima de violência doméstica.

A sessão esteve marcada para depois de amanhã, mas foi adiada para o próximo dia 1, depois do Tribunal da Relação de Coimbra ter anulado o acórdão e exigido que os juízes de Viseu fundamentassem de forma mais profunda as razões que os levaram a desvalorizar o testemunho da alegada vítima de violência doméstica e das testemunhas por si apresentadas.

O caso remonta a 3 de outubro de 2017. Nesse dia, o Tribunal de Viseu absolveu um homem de dois crimes de violência doméstica, um de perturbação da vida privada e outro de injúria à antiga mulher. Condenou-o apenas por detenção de arma proibida, considerando que não ficou provado que, ao longo dos 10 anos de

casamento, uma administrativa tivesse sido alvo de agressões e insultos por parte do marido. Também não ficou provado, alegaram os juízes, que o indivíduo tivesse usado uma caçadeira para ameaçar a companheira e que esta tivesse sido perseguida depois de, em 2014, ter pedido o divórcio.

Qual a justificação apresentada pelos juízes para esta decisão? “[A vítima] denotou em audiência de julgamento ser uma mulher moderna, consciente dos seus direitos, autónoma,

### CASTIGO

#### Juiz que citou Bíblia punido com advertência

**Neto de Moura, juiz da Relação do Porto que defendeu que o facto de uma mulher ter cometido adultério será atenuante para a brutal agressão de que foi alvo por parte do companheiro, foi punido, no início do mês, com uma “advertência registada” pelo Conselho Superior de Magistratura, numa decisão com votos de vencido.**

não submissa, empregada e com salário próprio, não dependente do marido” e, portanto, “dificilmente a assistente aceitaria tantos atos de abuso pelo arguido, e durante tanto tempo, sem os denunciar e tentar erradicar, se necessário dele se afastando”.

### FALTA DE CREDIBILIDADE?

O acórdão foi alvo de recurso e, revela o jornal “Público”, o Tribunal da Relação de Coimbra entendeu que deste “não transparece, de uma forma esclarecedora, quais os sinais em que se baseou o tribunal [...] para concluir pela falta de credibilidade” da mulher. Logo, frisaram os juízes-desembargadores, “há que fundamentar, em termos concretos, o modo como [a vítima], em particular, prestou as suas declarações em tribunal de forma a ser perceptível a razão de ter sido afastada, na totalidade, a sua credibilidade”.

Assim, o Tribunal de Viseu está agora obrigado a reformular o texto do acórdão, de forma a explicar, sem margem para dúvidas, as razões invocadas na primeira ocasião para absolver o arguido dos crimes de que está acusado. ●

Três casos

18 fev

#### Batia na mulher e filho menor

Um homem de 36 anos, residente em Loures, agredia e ameaçava constantemente a mulher, de 35 anos. Também um dos seus dois filhos menores, de 11 anos, era agredido. Ontem, o indivíduo foi colocado em prisão preventiva, depois de, no dia anterior, ter sido detido pela GNR, no âmbito de uma investigação que durou um mês.

17 fev

#### Perseguiu ex-namorada

Em Castanheira do Ribatejo, um homem de 21 anos foi detido pela GNR. Já com antecedentes criminais por violência doméstica, o jovem agredia e ameaçava a ex-companheira, de 20 anos.

14 fev

#### Agredida durante 40 anos

Uma mulher de 61 anos foi vítima de agressões físicas e psicológicas durante 40 anos. A PSP de Lisboa deteve o agressor, de 58 anos, que foi colocado em prisão preventiva.